



A ESTIGMATIZAÇÃO DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO

PEREIRA, Sabrina Veloso Leal¹
GARCES, Solange Beatriz Billig²

Palavras-Chave: Envelhecimento Humano. Preconceito. Sociedade.

O processo de envelhecimento humano é um motivo de inquietação e vem adquirindo proporções ainda maiores, uma vez que está a cada dia mais presente na sociedade. Atualmente a população do Brasil atinge em torno de 23 milhões de idosos e estima-se que em 2060 atinja 73,5 milhões (IBGE). O envelhecimento humano é um processo que envolve aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos e suas características variam de acordo com cada indivíduo. As fases do desenvolvimento humano classificam-se a partir da idade cronológica, razão pela qual são considerados idosos aqueles de 60 anos ou mais, conforme definido pela Política Nacional por meio do Estatuto do Idoso. Apesar desse expressivo aumento no número de idosos, persiste sobre a velhice diversas formas de preconceito. Os idosos são considerados, de uma forma geral, seres cansados, com pouca coordenação motora, que adoecem facilmente. A longevidade humana deveria ganhar destaque na agenda das políticas públicas, mas o que se vê é o aumento do preconceito etário e a discriminação por idade emergindo cada vez mais em uma sociedade que ainda valoriza muito o jovem, a beleza e a estética corporal. Esse preconceito etário ocorre nas famílias, nos órgãos governamentais, no sistema de saúde, nos mercados de trabalho, na mídia, entre outros espaços sociais. Apesar das garantias constitucionais, a discriminação faz parte do cotidiano dos brasileiros em diversos cenários e em diferentes níveis. Na saúde, por exemplo, o preconceito pode ser ilustrado pelo aumento acelerado nas estatísticas referentes ao vírus HIV entre os idosos. E uma das causas desse aumento alarmante é a suposição preconceituosa de que os idosos não sejam sexualmente ativos. Paralelo ao aumento considerável da população idosa surge inúmeras demandas para a manutenção do bem estar dessa população e a sociedade, avessamente, considera a velhice um sinônimo de incapacidade física e mental, e os idosos passam a ser vistos como a classe econômica e socialmente improdutiva. Todas essas considerações demonstram que a velhice é estigmatizada na sociedade contemporânea, mas que é preciso ser (re)vista esta posição já que nos encaminhamos para uma sociedade de pessoas envelhecidas. A partir disso, as instituições sociais e, entre elas, as Universidades, precisam trazer a tona essas questões para que a sociedade se prepare para vivenciar essas mudanças demográficas, sem estigmatização por faixa etária alguma.

¹ Mestranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (2015)/Universidade de Cruz Alta/RS. Bacharela em Direito (2015)/Universidade de Cruz Alta/RS. Participante do GIEEH (Grupo de Estudo do Envelhecimento Humano/Unicruz/CNPq/CAPES) e do GPJUR (Grupo de Pesquisa Jurídica em Cidadania, Democracia e Direitos Humanos/Unicruz/CNPq/CAPES). E-mail: sabrinavelosoleal@hotmail.com

² Doutora em Ciências Sociais- com ênfase em Políticas e Práticas Sociais (Unisinos). Mestre em Ciência do Movimento (UDESC); Especialista em Educação (UFSM); Licenciada em Educação Física (Unicruz). Líder e pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Envelhecimento Humano - GIEEH/UNICRUZ/CNPq. Professora do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. Pró-Reitora de Graduação da Unicruz.